

# similia

REVISTA DE HOMEOPATIA

Outubro de 2003

Nº 65





Grupo de Estudos  
Homeopáticos de São Paulo  
"Benoit Mure"

Similia – Revista de Homeopatia  
Os artigos publicados nesta revista  
são de responsabilidade do  
"Grupo de Estudos Homeopáticos  
de São Paulo Benoit Mure".

Jornalista Responsável:  
Nivaldo Nocelli - MTB: 14712

Projeto Visual, Diagramação  
e Produção Gráfica:



Tel./Fax: (11) 3975-7441 - Tel.: (11) 3975-5402  
servideias@servideias.com.br

Capa: Busto de Hahnemann:  
Monumento que se encontrava  
no largo do Arouche na  
cidade de São Paulo

SIMILIA  
Rua Dr. Olavo Egídio, 379 - Santana  
São Paulo - SP - CEP 02037-000  
Telefax: 6977-9005

## ÍNDICE

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Ao leitor                      | 01 |
| A vida e o viver               | 02 |
| Fraldas descartáveis           | 03 |
| Carta de Hahnemann             | 04 |
| A moda sempre a moda...        | 04 |
| A moda como limitação...       | 05 |
| O valor dos exames clínicos... | 06 |
| Doses únicas e repetidas       | 07 |
| Ainda a respeito das doses...  | 09 |
| O Medicamento Homeopático...   | 10 |
| Método Plus                    | 12 |
| Vacinas                        | 12 |
| O Mito e a Morte               | 14 |
| O que é Preciso Saber...       | 15 |
| Homenagem à Profª Célia        | 16 |
| A Herma de Hahnemann           | 16 |

## Ao Leitor

A revista Similia foi criada pelo Dr. David Castro, médico Homeopata, em 1942, com o nome de "Boletim de Homeopatia", com o objetivo inicial de relatar as atividades da Liga Homeopática do Rio Grande do Sul, também criada por ele em 1941, logo passou a relatar os feitos Homeopáticos do Brasil e do Mundo.

Foram publicados 183 números em Porto Alegre como "Boletim de Homeopatia" quando em 1972, com a ida de David Castro para a cidade do Rio de Janeiro, passou ele a denominá-la como "Revista Similia", sendo o 1º número já como Similia publicado em 1973 na R. Santa Clara, 188 RJ – N.º 1 e 2 – (184/185), frisando assim que continuaria sendo a mesma revista.

David Castro manteve-se à frente da Similia desde a sua criação até 2 meses antes de sua morte, como redator e jornalista responsável, pois além de médico era também jornalista e farmacêutico.

Dr. Galvão assumiu o cargo de secretário (cargo este que até então não existia na Similia) em 1974, onde permaneceu até 1978, pois neste ano estava ele iniciando as atividades do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo Benoit Mure. Estava também criando um pronto atendimento homeopático, ambos em São Paulo, e ainda tinha sua clínica particular; o cargo de secretário exigia sua ida constante ao Rio de Janeiro, e isso não mais era possível. Esse cargo não mais seria ocupado por alguém, como escreveu David Castro na Similia do ano de 1978.

Em agosto de 1980 foi o último número redigido por David Castro, quando então Dr. Galvão assume inteiramente a Revista, a pedido do próprio David Castro, que se encontrava muito doente. Passa-se então a Similia às mãos do Dr. Galvão e, a seu convite assume a Dra. Louiza Melkonian Djehdian, ambos como redatores. Isso até o ano de 1982, quando então todos do GEHSP Benoit Mure assumem juntos a redação, excluindo assim um redator chefe, ficando apenas o Dr. Galvão na supervisão da revista. Quando David Castro entrega a Similia para o Dr. Galvão, esta passa a ser redigida em São Paulo, tendo como endereço a Farmácia Homeopática Benoit Mure até 1982, ano em que muda-se para o endereço do Centro Médico Homeopático de São Paulo David Castro na Rua Tucuna, 994 também em São Paulo. Em 1992 a redação se transfere para o consultório do próprio Dr. Galvão, onde também passa a funcionar um ambulatório e um pronto atendimento homeopáticos.

Desde o ano de 1980, quando assume a direção da Revista, até a sua morte no ano de 2000, a Revista Similia teve como supervisão do Dr. Galvão 14 números e vários Boletins Informativos publicados, com artigos dirigidos não só para médicos, ou pessoas formadas na área de saúde, como o fazia David Castro, mas também para todos que se interessem pela Homeopatia. Artigos com o objetivo de: educar, informar, criticar, alertar a todos leitores homeopatizados ou não. Esta era a intenção do Dr. Galvão, dar continuidade à Similia, e é isto o que hoje tentamos fazer, dar continuidade ao seu pensamento, através do legado de Hahnemann, usando a Similia como um instrumento para esse fim.



# A Vida e o Viver

Dr. Galvão

A vida. O que é viver? Para que se vive?

Nada mais transcendente, nem mais primitivo, nas questões propostas pelo Homem, do que a especulação sobre a razão de viver. Talvez, de uma maneira bastante correta, possamos conceituar o Homem como o único Ser capaz de perguntar-se, de questionar-se: Por que viver?

Essa é certamente a questão que mais vezes o médico ouve em seu consultório, e é também a existência de respostas ambíguas para um determinado momento de vida dos pacientes, o fator que invariavelmente acompanha as moléstias.

Mas, voltando à questão inicial, por que vivemos?

Pelas riquezas, pelas conquistas do desconhecido e suas glórias, pelos prazeres do sexo e dos sentidos em geral, pela beleza e perfeição físicas, pela aquisição de conhecimentos técnicos – científicos – culturais ou por várias ou todas estas razões, ou ainda pela razão do amor em si mesmo, ao próximo, a alguém ou ao Deus?

De tudo que possamos colocar, talvez só nos seja razoável encontrar alguma concordância em que a razão primeira de viver está na própria vida e na felicidade de viver.

Como nos ensina Goethe, o primeiro dever de quem tem a vida é o encontro diuturno com a felicidade. E, nesta linha de raciocínio, logo nos saltará à vista que viver e ser feliz, não será certamente ser rico ou amedilhar bens materiais, pois há ricos mas também pobres vivos e felizes; e não serão também títulos de nobreza ou intelectuais, pois, se dentre nobres e cultos há aqueles felizes, eles também existem na plebe e em meio aos ignorantes; também não será a razão da vida o encontro da beleza ou perfeição físicas, pois, se os há felizes e cheios de vida entre os belos e fortes, também os há entre fracos e feios. E não seria o amor a um deus, a própria razão de se viver? Ou no amor terreno,

ora, o Amor! E não há os felizes tanto entre santos como entre ateus? Ora, o amor, e serão mais felizes aqueles que apaixonados chegaram à própria morte, como Romeu e Julieta, do que os que desconhecem o amor terreno? E dentre todos estes, ricos ou pobres, plebeus ou nobres, apaixonados ou indiferentes, santos e ateus, cultos e ignorantes, não os há infelizes também?

E agora, que nos resta mais que observar, aliás, como insistentemente nos ensinaram a nós médicos, dentre outros, Hipócrates e Hahnemann? E o que observamos, senão o Homem Feliz, de ser criança? E, no entanto, que não dirige automóveis, não comanda Homens, não possui bens, não é capaz sexualmente, não pinta nem compõe. Mas se conhece e se aceita apenas no que é, sem se preocupar no que poderá vir a ser. E esta é criança mais comum, a criança feliz – que se vivencia totalmente.

E o que observamos, senão o Homem adolescente, e feliz de ser adolescente! O adolescente, que na sua contra-força com o mundo, a todo momento se reconhece a si mesmo, e chora, ri, briga, afaga, refuga e se aconchega, mas sempre guarda uma relação entre o que foi e o que é – mas ainda não se preocupa com o que será, com o vir a ser. E ainda aqui são muitos os felizes, sejam pobres, ricos, cultos, primeiros ou últimos.

E ainda observamos o Homem, um Ser que cresceu, mas que poucas vezes amadureceu. O Homem adulto, que se não amadureceu, não encontrou a si mesmo, e que continua a sua busca adolescente, mas que só encontra o desencontro entre o desconhecido do ser e a incerteza do vir a ser. Não se conhece, não se reconhece e não se aceita, e há entre os adultos quantos infelizes. Mas, se amadurece, os poucos que o conseguem, aceitam-se, crescem, continuam sua busca, equilibram-se no que são e no que podem um dia ser – são felizes, e vivem! Mas quão poucos são eles!

E continuamos a observar o Homem. O Homem velho. Já não há mais o prazer do sexo, nem beleza ou força física, nem memória nem destreza para os movimentos perfeitos do artista. E o que observamos é que se já não resta também mais nada dentro de si mesmo, só a morte passa a ser o futuro. Nada mais além da morte. E poucos são os felizes. Bem poucos.

Esta a antítese da vida, a antívida, que acompanhará par e passo a cada instante a nossa existência e da qual só observamos a saída possível em conhecer-se e aceitar-se, na busca incessante de vir a ser, quando se manterá a vida e se encontrará a felicidade.

“Os homens têm perdido a alegria de viver, diz Steekel; Suspiram anelantes pelos grandes prazeres, incapazes de colher da árvore da vida as pequenas alegrias cotidianas.

“Ser equilibrado, significa possuir a capacidade necessária para adaptar-se à realidade e extrair desta o maior número de possibilidades para a felicidade.

“Se se dilui o desejo de viver no tolerável ou no costume, surge então o impulso da morte. Para que continuar a viver!

“Toda a energia se emprega para obedecer e assegurar o costume, a ilusão do vir a ser não existe. A vida então não é mais do que uma luta contra a própria vida.

“Estes homens se destroem e não vivem, ou vivem com violência contrária à lei natural.

“Não encontramos mais a felicidade em cada um de nossos instantes, como diz Goethe.

“Sua cultura está circunscrita a limites precisos, seu gosto artístico se rege pela opinião do seu jornal. Suas excursões se reduzem a uma rota prefixada. Para detê-lo basta um marco qualquer de contramão.”

Até aqui, Wilhen Steekel nos coloca o que não é a vida. Mas, onde mais poderemos ampliar nosso conhe-



cimento do que ela seja? Busquemos algo em um outro grande pensador e psicólogo, este americano, e também contemporâneo, Carl Rogers, na sua obra "Tornar-se Pessoa" ( *On Becoming a Person*, 1961 ). Ele propõe inicialmente as dimensões da vida de Charles Morris: A moral, a pertinácia, o conhecer-se a si mesmo, a sociabilidade, o prazer; para Morris, viver feliz, para qualquer pessoa do Ocidente ou Oriente "é como se essas pessoas, de diferentes culturas, contivessem em si as cinco tonalidades principais da escala musical, com o que comporiam a melodia de suas vidas felizes" – A moral, a força de vontade, o conhecimento de si, o social, o prazer.

"No entanto, continua Rogers, não me sinto satisfeito com a visão de Morris, principalmente na análise dos casos seguidos de consultório, nos quais essas dimensões não são o bastante para o equilíbrio feliz dos pacientes.

"Creio que a melhor forma de expor essa finalidade da vida, tal como a vejo nos pacientes, é a de Soren Kierkegaard filósofo pessimista dinamarquês contemporâneo de Hahnemann) – "Ser o que realmente se é" – Mas, o ser a si mesmo, propõe em seguida Rogers ( Psicólogo Americano contemporâneo), implica em vencer-se do "devia ou deveria ser", em ir onde se quer e se pode e não onde nos

querem ou esperam ou até onde seria do agrado de terceiros ( as perspectivas futuras de pais e amigos ou professores) e sim para a "direção de si" – "o que não implica num estado permanentemente de alegria e confiança, ao contrário, a liberdade de se ser a si mesmo é cheia de responsabilidade, implica em opções, precauções e medos, confiança em si mesmo". Esse processo, continua Rogers, não é estático mas é fluido, evolutivo. Implica ainda mesma aceitação de si e dos outros."

Mas, o "conhece-te a ti mesmo", agora o dizem nós, não se mostra à análise histórica e na observação de consultório, suficiente à manutenção da vida e a ser feliz. A essência da vida deve estar além desse conhecimento socrático – necessário mas não suficiente. Pois, historicamente Homens de grande profundidade, equilíbrio e conhecimento extinguiram sua vida ainda no auge da produtividade filosófica científica ou artística; um Cristo ou um Sócrates viram um prosseguimento de si além da própria vida – um objetivo na morte. Há clientes que se sentem esgotados no Ser-Estar e perdendo a perspectiva de suas vidas futuras, dentro de suas potencialidades e condições passadas, desistem de suas existências e só vêem na própria morte a razão de ser.

A vida, assim, talvez tenha a sua es-

sência - conforme o próprio Rogers o vislumbrou – na sua possibilidade e necessidade de fluidez. O vir a ser sendo tão ou mais importante do que o Ser-Estar, dentro do que se foi. A evolução sempre aberta, coerente, possível do fui-sou-serei é que, nos parece dá o equilíbrio quantitativo e qualitativo de vida. Aí está a possibilidade de uma 9ª Sinfonia por um surdo – ou a surdez de um compositor não seria causa suficiente para o suicídio? Aí também está a morte como ponto necessário de vida de um Cristo – pois só ela poderia completar e dar força de permanência eterna a obra de anos por ele exposta ainda aos seus 30 anos – o que mais poderia ele vir a ser? E o que mais poderia vir a ser um Lau Tse, após a sua obra, se não desaparecer como morto estivesse? E o que mais poderia vir a ser Sócrates, se não com a sua morte criar o necessário espaço a Platão?

É na possibilidade existencial do vir a ser que repousa a essência da vida – só aí, aparece a vontade – capacidade, energia, força individual vital que nos possibilita alcançar o vir a ser. E essa "vontade", um querer vir a ser numa determinada direção, cujo grau de força ou de querer condicionará a resolução dos conflitos a todo momento enfrentadas – se o vir a ser está coerente e liberto dentro do fui e sou, o "eu" correrá ao futuro e se formará os momentos do ser fluido, evolutivo.

## Fraldas Descartáveis: Uma Análise Crítica

Em 1961 a Proctor na Gamble introduziu nos EUA a fralda descartável Pampers, como um meio revolucionário para facilitar a troca de fraldas dos bebês. No Brasil, o seu uso começou a ser mais difundido a partir da década de 80, com o barateamento do produto. Hoje, seu uso é massificado, porém sem se fazer uma crítica adequada sobre este produto.

Uma criança usa cerca de 8000 fraldas nos seus 3 primeiros anos de vida, versus as 100 fraldas de pano (algodão) que usaria. Isto monetariamente significa o custo de R\$ 2 000,00 (R\$ 0,25 cada em média) em fraldas descartáveis, contra os R\$ 200,00 em fraldas de pano.

É um setor da economia que rende 300 milhões de dólares só nos Estados Unidos e ainda que se pareça um preço que estamos dispostos a pagar em nome do con-

forto, trata-se de uma grande agressão ecológica, pois se trata de um lixo não reciclável, que demora 500 anos para se decompor.

E mesmo que se veja o assunto apenas sob o ponto de vista individual e não ecológico, análises químicas demonstram a presença de tolueno, xileno, etilbenzeno, e isopropilbenzeno, que no mínimo, induzem a doenças respiratórias em pessoas predispostas.

Além disso, o uso contínuo da fralda descartável eleva em 1°C a 2°C a temperatura nos genitais, expondo principalmente os testículos, localizados na bolsa escrotal a uma temperatura inadequada, que estudos apontam como uma das causas de infertilidade.

Será que estamos mesmo dispostos a pagar este preço em nome do conforto?



## CARTA DE HAHNEMANN AO DR. STAPF (LEIPZIG – 19/12/1815)

Meu caro amigo.

Estou enviando listas de sintomas feitas por vários de meus alunos e pelo Sr. Frans portador desta carta. Nelas você encontrará numerosas e úteis informações. Mande-as de volta após tê-las copiado, a fim de que eu possa devolvê-las a cada uma das pessoas que me forneceram.

É coisa impossível, anti-natural, que um dos médicos em destaque da antiga escola tome nosso partido. Se ele se encontra em tão grande renome, como você imagina, ele deve sua reputação à rotina ordinária da qual coube habilmente rejuvenescer as formas esgotadas. Ele compilou em numerosas obras todas as tolices da medicina vulgar. Inventou um sistema sutil, ininteligível, impenetrável; enfim levou mais longe que seus colegas todas as sutilezas, todas as imbecilidades da moda; mentiu mais habilmente que os outros, e, foi assim que chegou rapidamente à fortuna. Tal homem é, há muito tempo, devotado ao culto da mentira e do sofisma, que lhe valeram sua alta posição. O amontoado de seus conhecimentos superficiais jamais lhe permitirá compreender a dignidade da verdade simples, modesta, e mesmo sendo atingido pelos seus raios, não a tomaria sob sua proteção, pois ela dá um desmentido formal a toda sua ciência, a tudo que o enche de orgulho, porque ela o reduz ao nada. Antes de se tornar nosso discípulo, seria necessário que ele colocasse abaixo de seus pés todas as suas fantasias. E o que aconteceria ao grande homem destinado a nos apoiar, se nós o tiramos de sua infalibilidade, se ele vê o brilho de sua onisciência, fonte única de sua fortuna, apagar-se completamente no estudo da verdade nova? Como poderia tornar-se nosso protetor sem antes ter entendido a verdade, isto é, sem ter antes passado pela nossa escola (\*)? Assim cairia todo o edifício de sua grandeza; para prestar modestos serviços a nossa arte, ele é que precisaria de nossa proteção; a nós, o que interessaria a dele?

Nossa arte, para se realizar, não pede apoios políticos, títulos de adorno. Em meio a ervas daninhas crescendo por todos os lados em volta dela, ela cresce lentamente, desapercibida: A semente se faz árvore. O modesto topo da árvore crescente já se eleva acima dos espinhos; as raízes se aprofundam na terra e se fortificam por progressos insensíveis, mas seguros; com o tempo, ela se tornará a árvore sagrada, a árvore de Deus, estenderá seus braços imensos a todas as regiões, inabalável em meio a tempestade; a humanidade, que então, sofreu tantos males e dores, descansará sob sua sombra benfeitora.

(\*) "Em verdade, em verdade vos digo, que se um homem não nasce de novo ele não pode ver o reino de Deus". (Ev., João cap. IV. v.3).

## A Moda, Sempre a Moda...

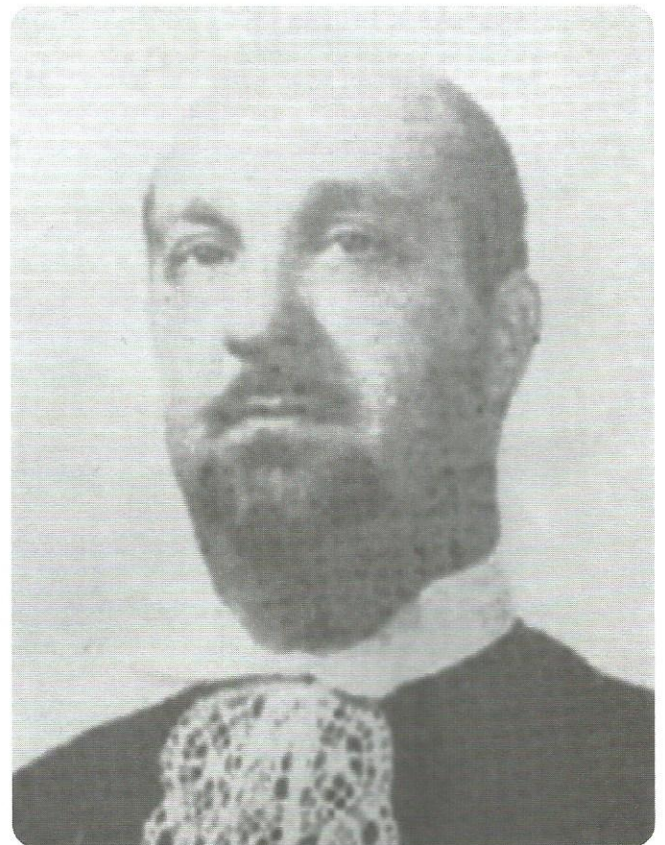
Artigo escrito por David Castro e extraído da Revista Similia N.º 34 de 1978

A moda é uma ditadora: ela manda e faz tudo o que quer. A moda é universal e ninguém a discute. Não iremos falar da moda feminina ou masculina; no que se refere ao vestuário que a cada dia é mais **despiário**. A conversa é sobre a moda na medicina, ou melhor, na terapêutica. Aliás, os antigos homeopatas, ao combater a terapêutica alopática, alegavam que ela era como a moda dos chapéus femininos, pois estavam sempre variando...

Iremos comentar o que está acontecendo hoje no Estados Unidos da América, onde é imensa a procura da vitamina E para resolver problemas de falta de potência, nos homens. A notícia já se espalhou por outros países e até aqui no Brasil a coisa pegou; atingirá breve seu ponto culminante e logo após virá o seu declínio.

Lembremo-nos do que aconteceu com outros medicamentos da moda, como a geléia real, novocaína, água oxigenada, **Ipê roxo** e atualmente o **Ginseng**, além de muitos outros. "Tudo na vida é passageiro, exceto o condutor e o motorneiro" já diziam nossos ancestrais no tempo dos bondes: isso mesmo, tudo é passageiro, inclusive a vitamina E.

É. É? É...



Dr. David CASTRO (1915-1980)



# A Moda Como Limitação da Homeopatia

Hahnemann legou à Humanidade uma Doutrina Médica, a qual chamou de Homeopatia. Como sábio que era, nos deixou esta Doutrina já pronta em seus princípios, em suas leis, em suas técnicas em geral, isto é, nos deixou um Corpo Doutrinário pronto e acabado, legível e simples aos olhos de um observador, e como se isso não bastasse, ainda nos deixou alguns caminhos para enriquecê-la, como por exemplo: o conhecimento de novas patogenesias, técnicas de preparo de medicamentos. Muito podemos fazer para dar continuidade a Doutrina de Hahnemann, mas sempre tendo o cuidado de não nos afastarmos de sua essência, destruindo assim por completo a mais alta aspiração de Hahnemann.

Mas como toda Doutrina, existem alguns preceitos criados por alguns de seus adeptos para mantê-las sempre "atualizadas". Dentre todos esses artífices estão os "modistas". Na Homeopatia já são muitos os que ditam a moda, seja no âmbito doutrinário ou técnico, seja em medicina ou farmácia e sempre o argumento é o mesmo: "Tornar a Homeopatia atualizada e moderna, adaptando-a sempre que necessário".

Muitos desses modistas o fazem com o intuito de enriquecer a Homeopatia, mas devido talvez às suas ingenuidades ou despreparos, acabam por prejudicá-la.

Um exemplo do que acabamos de afirmar foi a oficialização da Homeopatia como especialidade médica; os homeopatas adeptos a essa idéia não perceberam na cilada em que caíram. Como uma Doutrina, que se basta em si mesma, completa, pôde ser oficializada como uma especialidade? A partir de então os autocratas da alopatia conseguiram através dos "homeopatas ingênuos" da época, atrelar a Doutrina hahnemanniana às

sua leis. Um golpe que talvez nunca conseguiremos reverter.

Ainda falando de moda, há mais ou menos uns 15 anos alguns modistas lançaram a "Moda LM" para nomear a escala 50/milesimal criada por Hahnemann. Perguntamos então, qual é a relação do numeral romano LM com o número arábico 50 000? Aí está, esses modistas, não só não entendem de moda, como também não entendem de numeral. Mas como dizia o Prof. Maffei, "é a corrente da felicidade". A moda pegou.

No ano de 1997 foi publicada a 2ª Ed. da Farmacopéia Homeopática Brasileira, uma nova edição, porém com o velho argumento - a atualização - Agora lançando uma nova moda a Padronização.

Porém além de sacarem técnicas como "SD" e (Tríplice impregnação!) impraticáveis no dia a dia e sem estarem fundamentadas nas obras, cuja Padronização já é uma realidade - Doenças Crônicas e Organon (Hahnemann), atrelam a estas invenções princípios e

técnicas contrários aos da Homeopatia. Com que objetivo?

Transformar a Farmácia Homeopática em uma fonte rentável economicamente, e para isso não pouparam esforços em transformar complexos, pomadas, supositórios, medicamentos injetáveis, em "Medicamentos Homeopáticos". Quem sabe logo mais não veremos os tais florais sendo vendidos como medicamentos homeopáticos, se já não os estão sendo...

O que se está fazendo não é Padronização das técnicas farmacêuticas homeopáticas, e sim "Moda". A moda da destruição das ideologias de Hahnemann e das "pequenas" farmácias homeopáticas, dando lugar a uma terapia alternativa e a grandes laboratórios.

PS: "EU PREFERIRIA UM MÉDICO ALOPATA A UM MÉDICO HOMEOPATA QUE NÃO SAIBA A HOMEOPATIA O BASTANTE PARA PRATICÁ-LA". J.T. Kent

"BURRICE EM MEDICINA É CRIME" G. W. Galvão Nogueira

## CENTRO MÉDICO HOMEOPÁTICO DAVID CASTRO

### AMBULATÓRIO POPULAR

ATENDIMENTO HOMEOPÁTICO COM HORA MARCADA

R.Conselheiro Saraiva, 390 - Santana  
São Paulo CEP: 02038-010  
Tel: 6977 60 93  
[www.homeopatiasite.com.br](http://www.homeopatiasite.com.br)



# O Valor dos Exames Clínicos para os Homeopatas

Artigo extraído da Revista Similia Nº 56 de 1982

A atuação incomum dos médicos homeopatas tem suscitado, muitas vezes, certa desconfiança por parte das pessoas recém adeptas da Homeopatia. O fato de não pedir exames clínicos, é porque tais exames raramente são necessários.

David Castro dizia que há médicos Homeopatas (com H maiúsculo), homeopatas (com h minúsculo) e omeopatas (sem h). Na verdade, como em qualquer profissão ou especialidade, há os bons e os maus, os conscienciosos e os irresponsáveis, os médicos e os charlatães. Como reconhecer, então, um Homeopata?

Em primeiro lugar, o Homeopata é médico formado em uma escola médica oficial, portanto apto a exercer qualquer especialidade que deseje. Ele pode se interessar pela Homeopatia ainda enquanto estudante, ou depois; passa a ler então tudo o que for disponível, isto é, geralmente o médico Homeopata é *autodidata*. Hoje temos vários cursos para informação e formação de Homeopatas. O exercício da Homeopatia exige porém continuados estudos e lembramos que a maior parte da literatura referente ao assunto é em língua estrangeira, especialmente inglês, francês, e castelhano.

Relembramos rapidamente que o médico Homeopata faz um longo interrogatório. O Homeopata porém valoriza a história clínica e biopatográfica de seu paciente como nenhum outro profissional da área médica. Quando houver necessidade, o médico fará um exame clínico ou pedirá exames laboratoriais. Como porém os dados fornecidos pela história clínica homeopática são suficientes para individualizar o medicamento correto, ele dispensa outros exames. É por isso que se diz que o Homeopata

não pede exames nem examina seu doente. Isto não é verdadeiro; ocorre geralmente que tais exames não são necessários sendo algumas vezes até nocivos (Raio X, por exemplo). Uma vez individualizado o medicamento, muitas vezes com auxílio de repertórios (que são como um dicionário de sintomas homeopáticos), o Homeopata prescreve UM medicamento e sempre um medicamento de cada vez.

Há homeopatas que prescrevem mais de um medicamento por vez (pluralistas). Hahnemann combateu veementemente o uso de mais de um medicamento de cada vez. Segundo ele deve-se encontrar a substância única cuja experimentação no Homem são, tenha provocado sintomas similares ao que apresenta o enfermo. Ele se refere portanto à dose única e *quando necessário* a repetição na forma diluída em água (plus).

## O Que Não é Homeopatia

O que caracteriza o médico Homeopata é, então, a minuciosa individualização do medicamento que deve ser preparado segundo técnicas hahnemannianas, que regulamentam-se precisamente desde a obtenção do medicamento até o seu preparo, conservação e assuntos relacionados à farmacotécnica homeopática.

**Não é Homeopatia** o uso de chás, ervas ou atitudes consideradas naturais como o uso de banhos ou compressas de álcool para abaixar a febre (que age semelhantemente a um antitérmico, baixando a febre sem agir na causa que a está provocando).

Com a crescente expansão da Homeopatia, ela tem sido usada indevidamente: por exemplo em tratamentos para obesidade, impotência, médicos que se dizem homeopatas ou medicamentos ditos homeopáticos, chamados complexos homeopáticos, o que estimula a automedicação, devido à crença de que "se bem não faz, mal também não faz". **Isto não é Homeopatia**, pois não há individualização correta. No

dizer de David Castro "trata-se de uma homeopatia espúria, verdadeira omeopatia (sem H)."

Devido à crença da inofensividade do medicamento homeopático ele é largamente empregado na maioria dos centros espíritas, especialmente no Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. "Parece que os médicos após morrerem tornam-se todos homeopatas" (David Castro). Porém **a religião nada tem a ver com a Homeopatia**. Portanto, os médicos que pegam na mão e "adivinham" o medicamento ou então não é preciso falar nada, ele já sabe tudo, **não são homeopatas**, ou melhor, praticam uma má homeopatia, pois não individualizam o medicamento. É preciso cuidado pois muitos deles usam inclusive medicamentos ditos homeopáticos que não obedecem à técnica Hahnemanniana. Suas consultas duram 5 ou 10 minutos no máximo, tempo suficiente para perguntar os dados gerais do doente como: Nome completo, endereço, profissão, como se interessou pela Homeopatia mas



não para individualizar o medicamento de um doente crônico que vê pela primeira vez.

A consulta homeopática de primeira vez dura em média 40 minutos a 1 hora; tal fato impede o desejado atendimento homeopático maciço através do SUS onde as consultas são muito rápidas, no máximo 15 a 20 minutos. Nesse tempo pode-se, quando muito, prescrever vários medicamentos (não há tempo para escolher qual o medicamento que melhor se adapta ao caso) para as entidades orgânicas que se apresentam. Chama-se o caso **organicismo**.

O Homeopata verdadeiro, contudo, encara seu doente como um todo e não como órgãos doentes. De nada adianta suprimir os sintomas da doença, que nada mais é do que uma tentativa do organismo de limitar (localizar, cercar) o desequilíbrio interno. É preciso cuidar do enfermo como um todo, como uma unidade total e indivisível, senão estaremos realizando uma forma de alopatia, talvez, com medicamentos homeopáticos. O verdadeiro médico homeopata não trata da tosse, da dor de estômago ou da amigdalite (doenças), **trata de doentes**.

É preciso muito cuidado pois os bons profissionais são a exceção em nosso meio e todos dizem usar medicamentos homeopáticos.



**"É NA POSSIBILIDADE EXISTENCIAL DO VIR A SER QUE REPOUSA A ESSÊNCIA DA VIDA".**

Dr. Galvão

## Doses Únicas e Repetidas

Em 1790 nasceu a Homeopatia graças à luz de uma mente brilhante, Hahnemann, sendo que seus ensinamentos desde o raiar daquele dia até os dias de hoje, iluminam o caminho daqueles que podem ver.

O despertar da Homeopatia, com o ensaio puro da casca da Cinchona, repousou-a em pilares seguros de princípios verdadeiros, portanto eternos, deduzidos e verificados em consequência deste primeiro experimento: Lei Dos Semelhantes, Experimentação no Homem São, Doses Diminutas, Medicamento Único. O Vitalismo, inerente à filosofia de seu criador, norteou o seu caminho por toda sua vida, dedicada a construção do edifício desse novo sistema médico.

Com as bases prontas, Hahnemann passou a desenvolver as técnicas que mais se adaptavam a elas, portanto de modo a nunca contradizê-las, pois que estas constituem os fundamentos da Homeopatia. Assim ex-

perimentando os "semelhantes" chegou à sua teoria das Doenças Crônicas; diminuindo as doses saiu da simples diluição para a Dinamização! Um passo sem precedentes na História da Medicina. E qual o reconhecimento? Somente as mais insensatas críticas do mundo "científico" – Dinamização?! Ah, ah, ah... meras diluições, diziam eles.

Experimentem! Dizia ele... É claro, pois "contestar Sócrates é fácil; os fatos, impossível", como disse outrora o próprio sábio ateniense. Porém a ciência especulativa faz frente à ciência da experiência pela força da maioria. A medida é para poucos, para poucos a Homeopatia.

O que Hahnemann sabia, muito bem; o que não sabia, ninguém sabia... E sozinho continuou, apesar dos inúmeros discípulos que já se aglomeravam à sua volta. Então enquanto ele desenvolvia a Homeopatia em um sentido, agora em seu próprio meio

ia-se em sentido contrário. Só para ilustrar o fato, Hahnemann saiu da centesimal (1:100) para a 50 milesimal (1: 50 000), Hering, da centesimal à decimal; Materialismo?! Experiência!?

Agora é com relação a administração dos medicamentos. Primeiro os glóbulos, *unidade medicamentosa* (Mat. Méd. Ars. 1833) para Hahnemann desde que começou a divisão da gota como meio de diminuição das doses; Doses inalteradas? diluição dos glóbulos. Um longo caminho percorrido, até a conclusão de que a diluição é um meio secundário (Organon §269), mas fundamental, para um maior desenvolvimento dos poderes medicinais das substâncias naturais, e/ou dinamizadas\*, assim como é um meio de controlar o tamanho da dose do medicamento a ser administrado e suas inevitáveis agravações\*\*.

Notamos a evolução do pensamento hahnemanniano.



A esse respeito, de forma mais evidente, a partir da 5ª ed. do Organon, 1833, §246 onde ele começa a preconizar o uso de doses repetidas, primeiro porque devido aos "obstáculos à cura" a dose única do medicamento esgotava seu efeito antes que o medicamento indicado pudesse realizar tudo o que estava em seu poder, segundo para acelerar o processo de cura. : "Por outro lado, a melhora – gradualmente progressiva, conseqüente a uma dose bem diminuta, de acurada seleção homeopática, quando não encontrou empecilho na duração da sua atuação, faz por vezes todo o bem de que o remédio é capaz em dado caso, em períodos de quarenta, cinquenta ou cem dias. Entretanto, esse é raramente o caso. E além disso, de grande importância para o médico como para o paciente é que esse período seja, se possível, encurtado para a metade, para um quarto ou para ainda menos, de maneira que se obtenha cura muito mais rápida..." Porém nesta edição Hahnemann fazia a repetição de doses inalteradas (dinamicamente) surgindo assim um problema de aceitação por parte do organismo em relação as mesmas. Em longa nota deste parágrafo é colocada as maneiras pelas quais se atenuavam essas reações indesejáveis da força vital, sendo que esse problema só se iria resolver na última edição das Doenças Crônicas.

Em 1834/35 Hahnemann lança a 2ª ed. das Doenças Crônicas onde agora preconiza as repetições de doses, quando necessárias, "A única exceção permissível para a repetição imediata do mesmo medicamento... (Doenças Crônicas 2ª ed. 5ª ed. bras. pág.162), só que modificadas dinamicamente, tanto as doses em glóbulos fazendo o uso alternado de potências, " Se por exemplo ele houver sido primeiramente dado na 30ª potência, será dado agora talvez na 18ª... (D.C. pág.162), assim como doses líquidas, com glóbulos diluídos, e a solução sempre agitada antes de cada dose, sendo porém poucas vezes repetidas com um objetivo de dar um

maior impacto à ação do medicamento prescrito em pacientes não enfraquecidos, "Nos casos em que o médico está seguro quanto ao específico homeopático... (D.C. pág.162) sendo que esta forma de emprego dos medicamentos, diluição dos glóbulos aparece pela primeira vez nesta edição.

Em conclusão, as pequenas doses sempre foram uma preocupação constante para Hahnemann, sendo que ele resolveu este problema através dos glóbulos, os quais usou para divisão da gota. A repetição das doses medicamentosas visavam reduzir o tempo de tratamento, quando possível, sempre através do emprego de soluções medicamentosas onde se usavam os glóbulos diluídos com os seguintes objetivos: fazer com que o organismo não rejeitasse as doses do medicamento, como ocorre com as doses inalteradas (em glóbulos), agitando-se a solução, alterando assim

sua energia medicamentosa; Dar um maior impacto do medicamento sobre o organismo. As experiências a respeito da relação entre a repetição das doses e as diluições levaram-no a desenvolver a escala Cinquenta Milesimal (Organon 6ª ed. §246 nt.).

Deve-se notar ainda, que os glóbulos de Hahnemann eram bem menores (100 vezes ou mais!) que os nossos, na Centesimal, de forma que quando se faz a impregnação à 1% se corrige esta diferença\*\*\*. Ainda deve-se observar o comentário do Dr. Galvão a respeito do assunto, com relação a agravação, de que enquanto se repete ininterruptamente o medicamento, o organismo entra numa espécie de estado anérgico sendo que, quando se suspende o uso, as agravações aparecem mais ou menos semelhante quando se dá a última dose da solução mencionada na nota 130 das Doenças Crônicas citada acima, ou mesmo com relação as doses únicas.

\* A dinamização foi desenvolvida em conseqüência direta da experiência de que as intoxicações que certas substâncias (heróicas?) causavam quando administradas, diminuíam ou desapareciam com a *diminuição* das doses. Para isto Hahnemann já se utilizava do processo de diluição. Porém a diluição por si só é limitada, indo em sentido a uma solução inerte. Com o desenvolvimento deste processo (Dinamização) ficou resolvido de uma vez por todas estes problemas, assim como trouxe à luz novos medicamentos de substâncias consideradas desprovidas de quaisquer efeitos medicamentosos. O desenvolvimento do poder medicinal latente das substâncias passou a ser o seu principal objetivo ao aplicar este método, sendo que, a cada grau de dinamização, potência, é uma solução de poder medicamentoso concentrado, (saturado?), de forma que a sua diluição é um processo essencial para uma melhor ação (desenvolvimento) deste poder quando administrado.

\*\* Em nosso próprio meio nós utilizamos de medicamentos concentrados "Dinamizados Puros", mais uma vez em sentido contrário ao de Hahnemann. Materialismo!? Experiência!?

\*\*\* Com relação ao receio, por parte de alguns, de que os glóbulos não absorvem a mesma quantidade de medicamento, não sendo assim homogêneos quando se emprega este método, é devido ao fato de não relacionarem o medicamento com a energia (Organon §11, 6ª ed.), e sim com o veículo em que está impregnado. Quando se efetua a impregnação desses glóbulos no próprio vidro em que se usa para dispensá-lo acontece com relação ao medicamento o mesmo que acontece quando se coloca dois corpos de temperaturas diferentes em um "sistema fechado", neste caso há um equilíbrio térmico entre os corpos, naquele um equilíbrio medicamentoso.



# Ainda a Respeito das Doses...

Carta do Dr. Croserio, endereçada ao Dr. Bönninghausen

(Traduzido do Neues Archiv der hom. Hellkunst, Vol. I, N.º 2, 1844 - Os Escritos menores de C. von Bönninghausen, tradução de Tarcízio Basílio de Freitas)

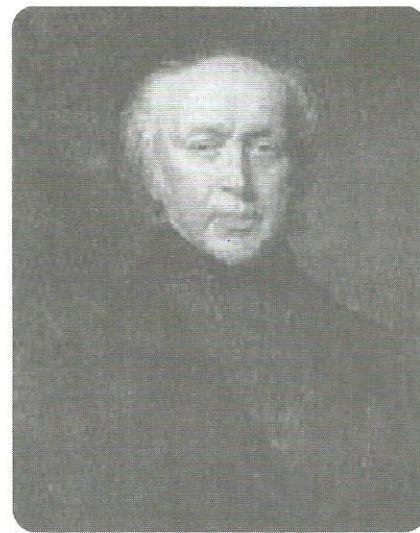
Caro Senhor e colega muito honrado: O seu relato me surpreendeu de uma tal maneira agradável que não consigo expressar-lhe de forma calorosa o bastante meus agradecimentos, e a fim de lhe dar uma prova do meu grande regozijo, que as gentis expressões de um homem (que ...) têm feito sobre mim, e de imediato fui ter com a Sr.<sup>a</sup> Hahnemann para lhe perguntar sobre o modo de preparar os medicamentos, que o nosso honrado mestre durante os últimos tempos considerava o melhor, e de acordo com isso clinicava. Mas ela me deu uma resposta decididamente evasiva, e isso porque ela considerava inadequado (pás convenable) publicar essa nova descoberta de uma outra forma que não na 6ª edição do Organon, no qual segundo ela afirmou a mesma estava inserida. Para ser franco, eu não dou a mínima importância a esse assunto. Talvez toda a diferença possa consistir um maior número de succussões dadas sobre um objeto elástico, assim aumentando a ação da substância.

Quanto ao modo pelo qual ele prescrevia os medicamentos a serem tomados eu sou capaz de lhe dar todas as informações que você possa desejar, por quanto eu tenho sido uma testemunha muito freqüente disso. Hahnemann todas as vezes usava somente os bem conhecidos pequenos glóbulos, que eram normalmente umedecidos com a 30ª diluição, e isto em doenças agudas como também crônicas. Desses glóbulos ele dissolvia um ou no máximo dois em oito a quinze colheres das de sopa de água e meia colher cheia ( das de sopa) de conhaque francês numa garrafa, e agitava perfeitamente. Somente uma colher das de sopa dessa solução era colocada num copo cheio de água, e deste último o paciente tomava ape-

nas uma colher das de café, no segundo dia duas, e no terceiro dia três e assim por diante, aumentando em uma colher das de café até que ele observasse alguma ação. Então ele diminuía a dose ou parava o medicamento. Em outros casos onde ele tinha um paciente que era muito excitável ele pegava uma colher das de sopa do primeiro copo e colocava num segundo e deste num terceiro e assim inclusive até um sexto, e somente tomava uma colher das de café retirada do último copo. Só em casos raros ele dava uma colher das de sopa ou das de café da primeira solução em oito ou quinze colheres das de sopa de água. Se ele dava um pó para ser tomado de imediato numa colher das de sopa de água, isto nunca era algo mais se não mero açúcar de leite. Ele nunca prescrevia dois diferentes medicamentos, a serem usados alternados ou um após o outro, ele sempre queria ver primeiro o efeito de um remédio, antes que desse o outro.

E isto mesmo com pacientes que ele tratava a distância de duzentas ou trezentas milhas. Inclusive em casos agudos era raro o caso de vê-lo permitir ao paciente ingerir mais do que uma colher em vinte e quatro horas. A fim de tranquilizar os pacientes ou seus parentes ele amiúde permitia-os ingerir açúcar de leite simples.

Hahnemann nos últimos anos de sua prática parecia dedicar toda a sua destreza a diminuir continuamente as doses dos seus medicamentos. Nesse aspecto ele nos últimos anos freqüentemente se contentava em deixar seus pacientes cheirarem o medicamento. Para esse propósito ele punha um ou dois glóbulos dentro de um frasco pequeno com duas drácmas de álcool, diluídas em partes iguais de água, o que ele orientava o paciente a cheirar uma



Baron Clemens Maria Franz Von BÖNNINGHAUSEN (1785-1864)

ou duas vezes com cada narina; nunca mais a miúde. Minha própria esposa foi curada por ele no espaço de cinco horas de uma violenta pleurisia.

Em doenças crônicas ele, em nenhum caso deixava o paciente cheirar o medicamento mais do que uma vez por semana, e dava nada se não açúcar de leite além disso; e dessa maneira ele realizava as curas mais admiráveis, mesmo em casos onde nós outros não tínhamos sido capazes de fazer algo.

Seria impossível para mim dar numa carta todas as nuances do seu tratamento. Por sua constante correspondência com o sábio letrado você tem tido abundante oportunidade de aprender a apreciar seus raros poderes de observação, e você, portanto, facilmente observará que o modo de ação dele não era sempre o mesmo. Mas eu posso assegurar que ele estava muito plenamente convencido de que não era necessário em qualquer caso, ou sob quaisquer circunstâncias, nem inclusive proveitoso, dar doses em gota dos medicamentos, e que ele dia a dia mais claramente via o prejuízo de dar doses maiores...



# O Medicamento Homeopático (Remédio)

Todo medicamento homeopático é preparado segundo uma técnica própria, descrita por Hahnemann e também encontrada em livros específicos. Mais adiante veremos como eles podem ser preparados.

Para que uma substância seja definida como medicamento homeopático, é necessário que tenha passado por uma série de critérios, que vamos ver agora.

O primeiro critério é a *Experimentação No Homem Sã*. A substância preparada de forma homeopática precisa ter sido adequadamente experimentada na pessoa sã. Isto se faz da seguinte forma: o médico prescreve a substância ao experimentador (nome que se dá à pessoa saudável que toma a substância), que vai tomar durante vários dias, e relata ao médico os efeitos que surgirem a partir do início da experimentação. Estes sintomas serão coletados pelo médico, que organiza uma lista de efeitos daquela substância. Todo este processo é controlado por normas éticas, e não põe em risco a saúde do experimentador.

O segundo critério é prescrever o medicamento com base na *Lei dos Semelhantes*. Assim o médico, de posse de várias listas de sintomas provindas de vários experimentadores diferentes, e também de vários medicamentos diferentes, organiza um livro que recebe o nome de *Matéria Médica*. A partir daí, quando o médico recebe a visita de um doente que lhe queixa os seus sintomas, ele os anota e depois procura na *Matéria Médica* qual medicamento produz, na pessoa saudável, aqueles sintomas. O medicamento escolhido é aquele que, *por semelhança*, foi capaz de produzir os sintomas no experimentador, então deve curá-los na pessoa doente. Dessa forma, podemos entender o seguinte: apenas será um medicamento homeopático aquela substância que, após ter sido preparada adequadamente segundo uma técnica própria da homeopatia, foi experimentada no homem sã e prescrita conforme a lei dos semelhantes. Com isto entendemos que, quando o paciente procura uma farmácia homeopática com uma queixa qualquer (por exemplo, "dor de cabeça"), e o balconista vende uma substância qualquer, supostamente boa "para dor de cabeça", quase sempre o paciente não

está comprando um remédio homeopático, pois apesar da substância ter sido preparada corretamente, não foi prescrita corretamente (quantas vezes temos outros sintomas que acompanham a dor de cabeça, mas que não foram relatados para o balconista? Todo o quadro clínico é necessário para formarmos a idéia do medicamento a ser prescrito, e conseqüentemente, curar o paciente).

O conhecimento para buscar o medicamento adequado para cada paciente é muito difícil, e tarefa muito árdua, que exige do médico homeopata bastante estudo e dedicação. Por isto, recomendamos que os pacientes não se auto-mediquem, nem comprem medicamentos supostamente homeopáticos sem uma consulta com um médico homeopata. Caso o paciente medicar-se por conta própria, com o medicamento inadequado, pode apresentar efeitos nocivos à sua saúde. Está errado dizer que o medicamento homeopático "se não fizer bem, também não vai fazer mal".

## Origem do Medicamento Homeopático

As substâncias que dão origem ao medicamento homeopático podem ser provenientes de todos os reinos da Natureza. Portanto, não são feitos apenas de plantas. Por exemplo, podemos citar:

Reino vegetal: a maioria dos medicamentos homeopáticos provém das plantas. Alguns medicamentos obtidos deste reino são: *Belladonna*, *Bryonia alba*, *Lycopodium clavatum*, *Allium cepa* etc.

Reino mineral: os medicamentos podem ser obtidos dos minerais. Alguns exemplos: *Sulfur* (enxofre), *Natrum muriaticum* (sal marinho), *Phosphorus* (fósforo) etc.

Reino animal: podemos ter medicamentos homeopáticos obtidos a partir de animais ou substâncias secretadas



por eles. Por exemplo: *Apis mellifica* (veneno da abelha), *Lachesis muta* (veneno da cobra surucucu), *Cantharis* (inseto cantárida – um tipo de besouro) etc.

Além disto, podemos obter medicamentos homeopáticos a partir de preparações especiais. Por exemplo, *Glonoinum* (nitroglicerina), *Hepar sulphuris* (combinação de enxofre com carbonato de cal) etc.

Outra classe da qual podem ser obtidos medicamentos homeopáticos são os *bioterápicos* (nosódios). São preparados a partir de órgãos ou secreções animais, incluindo

o Homem. Exemplos: *Medorrhinum* (secreção venérea); *Psorinum* (pústula da sarna); *Meningococcinum* (bactéria meningococo) etc.

Agora precisamos observar um ponto importante. Muitos pacientes confundem Homeopatia com “tratamento natural”, “tratamento por plantas”, “chás” etc. A maioria destas definições se aplica melhor à fitoterapia do que à Homeopatia (lembrar dos princípios que citamos acima). Portanto, o remédio homeopático não necessariamente será obtido de uma planta. O mais importante é que ele tenha sido prescrito de forma homeopática.

## PREPARO DO MEDICAMENTO HOMEOPÁTICO

Existem duas maneiras de preparar os medicamentos homeopáticos. Eles podem ser feitos por trituração ou por diluição.

Quando uma substância não é solúvel (ou seja, não se dissolve em água e nem em álcool), é preciso prepará-la por trituração.

O processo é o seguinte: em uma vasilha de porcelana, a substância é triturada juntamente com açúcar de leite (lactose) por três horas. Após este processo, qualquer substância se torna solúvel, e então podemos utilizá-la na forma líquida. Alguns exemplos:

*Ferrum metallicum* (ferro), *Aurum metallicum* (ouro) etc.

Quando uma substância é solúvel, podemos fazer uma diluição em álcool (também chamada tintura mãe). Esta diluição inicial não é o medicamento ainda, é apenas o ponto de partida para o preparo deles.

Quando o medicamento é solúvel em água, não precisamos da tintura mãe, podemos passar diretamente à fase de dinamização.

## DINAMIZAÇÃO

Através da dinamização nós podemos despertar o poder curativo de substâncias aparentemente inertes (por exemplo, o sal), bem como podemos atenuar os efeitos tóxicos de substâncias venenosas (por exemplo, venenos de cobra).

O processo de dinamização consiste basicamente em aplicar um determinado número de agitações (sucussões) em uma diluição. Por exemplo, para obtermos um medicamento na potência C6 partimos de uma diluição da potência imediatamente anterior (no caso, C5) e aplicamos 100 sucussões. Este processo de dinamização origina medicamentos na Escala Centesimal (por ex., *Pulsatilla nigricans* C6).

Para o preparo da Escala Cinquenta Milsesimal, o processo é basicamente o mesmo da Centesimal, porém mais diluído (por ex., *Hyoscyamus niger* IV/50.000).

Estas duas escalas citadas são as mais comumente usadas em nosso meio. Existe também a Escala Decimal.

Quanto ao método de preparo do medicamento, habitualmente usa-se o processo de dinamização manual. Há um método feito por máquinas elétricas que é chamado de fluxo contínuo (FC).



# Método Plus

Dissolver 2 glóbulos ou duas gotas (ou de acordo com a prescrição médica) da medicação a ser tomada em meio copo (americano) com água (mineral, sem gás, sem gelo cuja a fonte não seja de regiões termais) e, dessa solução, tomar uma colher das de café ou de chá, conforme a orientação médica. O espaço entre as doses de plus deve ser indicado pelo médico, devendo-se saber que sofrimentos maiores ou casos mais graves podem exigir doses mais freqüentes, como a cada 2, 3 ou 5 minutos ou até a cada poucos segundos. Quando as respostas são esperadas a tempos mais longos a freqüência será a cada 10 ou 15 minutos ou mesmo maior. Às vezes se inicia o tratamento de um caso agudo grave ou de muito sofrimento com doses a bem curto espaço, cada 2 ou 3

minutos por exemplo, e após 2 ou 3 tomadas se amplia esse intervalo para cada 10 minutos e após mais algumas doses para intervalos ainda maiores, de 15 ou 20 minutos, tudo de acordo com a resposta do paciente e com os objetivos clínicos imediatos a serem alcançados. Antes de cada tomada mexer fortemente a solução (como se batem claras de ovos). Como toda e qualquer apresentação medicamentosa homeopática, o plus deve ser protegido de contaminações exteriores, como pelo pó, de radiações, como as eletromagnéticas de celulares, rádios, aparelhos de TV, microondas, luz fluorescente etc., como também do calor e da luz solar direta e de odores fortes, como de perfumes, cigarros, cânfora e outros. Deve ser deixado em local aberto e arejado, coberto com

um pires. Jejum de alimentos, bebidas (com exceção de água) e balas 30 min. antes e após a medicação. Em casos especiais, deve-se consultar o médico. Não fumar nem escovar os dentes por 30 min. antes e após. A solução plus tem validade de 2 a 3 dias e não deve ser trocada ou refeita. Caso se perca ou ultrapasse o prazo de validade, deve-se preparar nova solução plus com uma passagem de diluição a mais do que a última usada, segundo o seguinte procedimento: preparar novo plus com 2 novos glóbulos ou 2 gotas em meio copo com água, agitá-lo 4 a 5 vezes e dele tirar 1 colher das de sobremesa e diluí-la em outro meio copo com água, usando-se esse segundo copo para medicar o paciente (isto é o plus do plus).

## Vacinas

“Mas, doutor, como não vacinar meu filho?” “Isto é muito radical, doutor!” “Doutor, tenho medo de não vacinar, e se meu filho ficar doente?” Essas e outras questões fazem parte do dia a dia do consultório médico homeopático. Quando se fala em não vacinar os filhos, o medo toma conta das pessoas, como se isto fosse uma verdade estabelecida desde sempre.

Na verdade, isto nem sempre foi

**“A HOMEOPATIA É:  
PRATICAMENTE EFICIENTE,  
CIENTIFICAMENTE CORRETA,  
SOCIALMENTE ÚTIL.”**

David Castro

assim. O inglês Edward Jenner descobriu a primeira vacina há 204 anos apenas; ele imunizou um menino de 8 anos inoculando-lhe soro de varíola bovina, e Jenner deu o nome de *vacina* ao medicamento (do latim, *vacca*). Assim, faz somente dois séculos que a primeira vacina surgiu. Na ocasião, houve muita controvérsia a respeito deste assunto.

Mas as vacinas “pegaram”, e hoje temos um número bastante grande de vacinas – e também uma grande exposição das crianças, que chegam a tomar 20 ou mais vacinas no primeiro ano de vida. De tempos em tempos, a história nos mostra questionamentos sobre a validade destas medicações, e foi assim há cerca de 100 anos, com a Revolta da Vacina (como ficou conhecida); a população armou barricadas nas ruas, que-

rendo proteger seus filhos da vacinação em massa que o Ministro da Saúde de então, Oswaldo Cruz, impôs à população. O governo venceu, após colocar o exército e tanques nas ruas – e a casa de Oswaldo Cruz foi apedrejada pelas pessoas.

Observa-se atualmente a retomada da discussão sobre a validade das vacinas. Nos últimos anos, tornou-se mais visível – ou as pessoas estão prestando mais atenção – a verificação de efeitos colaterais após certas vacinas, como a tríplice, a gripal (hemófilos), e outras. Estes efeitos vão desde irritação local até a doença que se queria evitar, passando por outras doenças crônicas mais graves, denominadas *auto-ímmunes* (aqui estariam o diabetes mellitus tipo I ou insulino-dependente, a artrite, a asma, alergias diversas). Estudos realizados em diver-



soos países do mundo apontam para a sobrecarga vacinal que as crianças têm recebido como causa das doenças auto-imunes, que são provocadas por um funcionamento anormal do nosso sistema imunológico contra o nosso próprio organismo.

Nos Estados Unidos, o governo é obrigado a indenizar possíveis vítimas das imunizações. Há uma página na Internet do governo americano sobre Relatos de Efeitos Adversos das Vacinas (a sigla em inglês é *VAERS*), que recebeu mais de 100 000 denúncias no ano passado. Cerca de 14% das denúncias foram de morte após vacinação. A Academia Americana de Pediatria fez suspender a Sabin (a gotinha contra pólio), que é fabricada com vírus vivos atenuados da poliomielite. Segundo os dados oficiais, a cada ano 8 crianças contraíam poliomielite por causa da vacina. No Japão, foram encontrados em rios e esgotos vírus da poliomielite em seu estado agressivo, e as autoridades sanitárias relacionam este fato ao uso da Sabin, que emprega os vírus vivos.

Na Suécia, o governo substituiu a vacina tríplice DPT (contra difteria, coqueluche e tétano) pela DT (sem o componente *P* da coqueluche). O componente *P* (*pertussis*) está associado à maioria dos casos fatais e das lesões permanentes em crianças atribuídas às vacinas.

Na Espanha, bem como em outros países da Europa, há um movimento claramente definido antivacina. Existem páginas de associações médicas na internet que, inclusive, oferecem suporte às pessoas que se sintam ofendidas em sua dignidade caso seus filhos sejam vacinados em alguma campanha vacinal escolar sem consentimento dos pais, ou apesar de uma posição em contrário às vacinações. Orientam os pais quanto às vacinas *ineficazes* – que não protegem corretamente e que produzem muitos efeitos colaterais, como a antigripal, do sarampo, rubéola, da pólio, coqueluche, varicela, cólera, meningite A e C, hemófilo tipo B etc.

É cada vez maior o número de trabalhos científicos mostrando o crescente aumento das reações adversas às vacinas. Nos EUA, o número de ca-

soos de asma vêm crescendo ano após ano, relacionado com a vacina tríplice. Há estudos no conceituadíssimo BMJ (British Medical Journal) mostrando o aumento das doenças crônicas: são mais de 4 000 casos por ano de Diabete Melito Insulino Dependente (DMID), relacionado com vacinas (HiB). Estudos realizados com soldados americanos que foram à Guerra do Golfo, e que tomaram 17 vacinas cada um, mostram que metade deles adoeceu (a isto eles têm chamado “Síndrome da Guerra do Golfo”). E até mesmo o autismo tem sido relacionado a vacinas que tem compostos mercuriais (geralmente vacinas múltiplas), pois o aumento do número de notificações de casos de autismo na Inglaterra, nos Estados Unidos e em outros países coincide com o crescimento das vacinações.

No Brasil, ainda usamos vacinas que foram proibidas nos Estados Unidos ou em outros países. Algumas das vacinas contém tiomersal, que é um mercurial (lembrem do Merthiolate? Foi proibido aqui, mas a vacina que o contém não). Ainda usamos a Sabin, para poliomielite, desde a década de 60. Usamos também as vacinas contra meningite, não obstante os dados oficiais mostrem que ela absolutamente não interfere com a incidência da doença na população. E ainda a tríplice, a antigripal, a de hepatite etc.

Há quem diga que a Homeopatia não deveria posicionar-se contra as vacinas, por serem elas também “homeopáticas”, por serem feitas do mesmo

princípio das doenças que querem curar, e que Hahnemann teria sido a favor das vacinas. Isto não é verdade. É verdade que Hahnemann citou como exemplo da aplicação da lei dos semelhantes (Similia Similibus Curentur) à vacinação de Jenner (vide Organon, parágrafo 46 e nota); mas é preciso salientar que aquela vacina, *obtida a partir de uma doença semelhante à varíola* (no caso, a varíola bovina), não era a mesma doença, nem eram os germes inoculados na pessoa vírus vivos atenuados. E Hahnemann mostra como uma doença semelhante pode ser capaz de substituir outra mais fraca, e a pessoa cura-se desta forma. Além disto, há possibilidade de se fazer uma profilaxia em homeopatia através do *gênio epidêmico*, verificando qual o medicamento que mais adequadamente cobre o grupo de sintomas da população sujeita a certo surto epidêmico, e administrar este medicamento à população, como fazia Hahnemann por exemplo em um surto de Escarlatina.

O fato é que tanto as doenças infecciosas eruptivas (sarampo, rubéola, varicela, escarlatina) como as não eruptivas (difteria, coqueluche, pólio, gripe, hepatite) precisam, antes de mais nada, que se deixe transcorrer o processo natural das enfermidades. Precisam de medidas gerais como repouso, alimentação adequada, boas condições de higiene. E, caso necessário, de medicamentos homeopáticos adequados para cada caso. Converse com o seu médico sobre isto, sem receio.

## HOMEOPATIA

### “JOÃO VICENTE MARTINS”

EXCLUSIVAMENTE HOMEOPÁTICA

*Pedidos por fax, com envio via sedex*

Av. Curitiba, 53 loja 3 – Maringá – PR  
Telefax: (44) 225-3945

**“A Homeopatia repousa unicamente sobre a experiência. Imitai-me, mas imitai-me bem, e vereis a cada passo a confirmação da minha afirmativa”.**

Samuel Hahnemann.



# O Mito e a Morte

Desde os tempos mais remotos, o ser humano sempre foi confrontado com situações angustiantes, como a morte, que, por difíceis de compreender, eram apresentadas em relação com situações cotidianas que estivessem ao alcance da nossa compreensão, assim nasceram muitos mitos.

Assim, surge na Grécia antiga o mito de Asclépio.

Asclépio um semi-deus, filho do deus Apolo com a ninfa Coronis, educado desde a infância pelo sábio centauro Quiron, exímio na arte de curar, e aprendeu proficuamente esta arte, tornando-se ainda superior ao seu mestre.

Não havia mais doenças que Asclépio não pudesse curar. Os doentes desenganados eram levados à sua presença e curados. Ninguém mais morria. E Asclépio aprimorou ainda mais sua arte, chegando à culminância de ressuscitar os mortos.

Então Hades, ao observar que as almas se evadiam de seus domínios, foi ter com Zeus uma conferência, na qual colocou sua preocupação com Asclépio, Zeus, após meditar profundamente, decidiu por fulminar Asclépio com raios lançados por ele do alto do Monte Olimpo. E tudo voltou à ordem natural.

Este mito nos faz refletir sobre a angústia, especialmente nos casos agudos e graves. Hoje, o mito de Asclépio é revivido pela figura não de um médico, mas do "Hospital". Quando os doentes estão graves, corre-se para o hospital, pois no imaginário das pessoas lá é o lugar onde todas as doenças são curadas, ninguém morre e eventualmente – os mortos são ressuscitados.

Pior ainda quando o falecido tratou-se com Homeopatia até o fim – "por que não foram logo para o hospital?" – perguntam os familiares.

Isto traduz nossa incapacidade de lidar com as perdas, e de aceitar a

inevitabilidade de certos fatos. Por exemplo, o de que a morte e o adoecer fazem parte de nossa existência assim como o nascimento.

Existe ainda outra situação que é derivada deste mito. É o assim chamado "erro médico". Guardadas as situações onde o médico agiu com má fé e com o interesse explícito de prejudicar seu paciente (e queremos crer que estes casos sejam raros e derivados de processos patológicos do suposto médico), a verdade é a de que retomamos a imagem de Asclépio, semi-deus infallível, e a projetamos na figura do médico humano e limitado,

exigindo dele mais do que a sua honestidade e bom caráter – queremos que ressuscite nossos mortos.

Desta forma, cabe-nos salientar a importância do diálogo com o médico homeopata, pois haverá situações em nossa vida onde as tensões podem vir a ser insuportáveis. Um bom preparo emocional, e mesmo filosófico, é uma necessidade para pacientes e médicos, e particularmente para estes últimos que só assim (ao lado de um devido preparo técnico) podem ter a serenidade necessária ao enfrentamento de sua difícil missão.



Templo de Esculápio em Roma

## ALGUMAS REFERÊNCIAS PARA O ESTUDO DA MITOLOGIA GREGA

MITOLOGIA GREGA  
TRAGÉDIAS GREGAS  
MITOLOGIA GREGO-ROMANA  
PAIDÉIA  
ILÍADA  
ODISSÉIA  
HENRIQUE GRACIANO MURACHCO

Junito de S. Brandão  
Junito de S. Brandão  
René Menard  
Werner Jaeger  
Homero  
Homero  
USP



# O que é Preciso Saber Sobre a Alimentação

## Orientação geral quanto a alimentação das crianças e do adulto.

A arte da alimentação é um dos costumes mais arraigados entre as pessoas, sendo sempre influenciados pelos fatores econômicos, históricos, ecológicos, circunstanciais e pessoais que têm uma grande influência sobre a saúde individual. É talvez um dos fatores externos de maior importância para as nossas vidas.

Em nosso meio cultural a alimentação é em geral colocada secundariamente em relação às prioridades do indivíduo ou então, quando priorizada, se faz de maneira errada as necessidades pessoais de cada um, orientando-se empiricamente, ou por princípios pseudos-científicos ou por credidices sem maiores fundamentos.

Assim, já o lactente é levado ao desmame extremamente prematuro e logo se lhe dá farinhas brancas, leite

em pó e sucos, sempre em busca do padrão “nenê gordo” ou o adolescente e até mesmo o homem adulto que passam o dia com sanduíches e outros alimentos “empurrados” pela propaganda das grandes redes de alimentos.

## O QUE SÃO ALIMENTOS NATURAIS E INTEGRAIS

São produtos mantidos ao máximo possível com todas as suas propriedades nutritivas; produtos que devem chegar ao consumidor sem adições ou conservantes químicos, num estado puro, por isso deterioram-se mais rapidamente. São produtos com auto teor nutritivo, como aqueles tradicionais da fazenda, como o arroz integral com suas vitaminas, as farinhas de grãos integrais, como as farinhas de “pilão” ou moinho de pedra tradicionais.

## PRINCÍPIOS GERAIS

1. O melhor alimento do lactente é o leite materno. A amamentação deve seguir até cerca de 6 a 7 meses de idade, como alimento único da criança, mesmo a água só será necessária em casos especiais e em dias muito quentes. Devemos ainda lembrar que a alimentação do lactente, como a de qualquer pessoa deve ser sempre orientada pelo seu médico homeopata, pois ele é quem sabe conciliar o tratamento médico homeopático, com as necessidades alimentares de seu paciente.
2. O ambiente para se fazer a alimentação deve ser o mais tranquilo e convidativo possível, sem barulhos (televisão, rádio etc.), limpo, sem odores fortes, durante o qual se devem evitar as discussões e assuntos desagradáveis; devemos sempre dar preferência em comer mais em casa, deixando para irmos aos restaurantes e lanchonetes apenas em ocasiões esporádicas.
3. O alimento deve ter: aspecto, cheiro, sabor do agrado de quem vai comê-lo.
4. Devemos evitar tomar líquidos às refeições, mastigar bem o alimento, comer sem pressa.
5. Devemos só raramente e só nos dias quentes tomar o suco das frutas; normalmente devemos comer as frutas.
6. Devemos fazer uso das hortaliças e frutos da época e produzidos próximos ao local em que vivemos.
7. Devemos fazer uso de alimentos crus (frutas, verduras etc...) somente durante o dia e no inverno somente pela manhã. Em caso de usá-los durante à noite ou em alimentação para doentes, devemos cozinhá-los.
8. Devemos dar preferência aos alimentos produzidos sem defensivos químicos e sem fertilizantes artificiais, devem ser frescos e amadurecidos naturalmente.
9. Deve-se aprender técnicas de conservação sem aditivos químicos e os congelados devem ser usados o menos possível, deve-se dar preferência ao frascos de vidro para guardar os alimentos e o prazo de validade bem visível.
10. A alimentação deve ser sempre a base de alimentos naturais e integrais.

**“Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto sim, contamina o homem”**

Mateus 15, 11.



## Homenagem à Professora Célia de Vasconcelos Koermandy

Nós do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure" prestamos homenagem a esta trabalhadora incansável, que muito contribuiu com esse Grupo para o desenvolvimento da Homeopatia no Brasil, através do ensino da língua e literatura alemã, direcionando-se às traduções e revisões das principais obras da Doutrina Médica Homeopática; *Doenças Crônicas* e *Organon da Arte de Curar*.

A primeira edição brasileira do livro *Doenças Crônicas* foi lançada em 1984, graças aos esforços dos professores Crisanto Siqueira (inglês), Helmut Hentschel (alemão), e com o falecimento deste ainda com os trabalhos da tradução em andamento assumiu a parte do alemão a Professora Célia, como era conhecida entre nós, alunos e amigos. A partir deste momento tornou-se ela responsável por todas as traduções e revisões realizadas pelo Grupo, estando sempre à disposição do Grupo quando chamada, atendendo prontamente com o único interesse de contribuir com a divulgação da Homeopatia.

Paciente e amiga do Dr. Galvão, foi através dele que ela chegou até nós do Grupo Benoit Mure, e só nos deixou com o seu falecimento em 02 de julho de 2003.

Obrigado, muito obrigado professora.



Restos do monumento em homenagem a Hahnemann, que se encontra no Largo do Arouche.

## A HERMA DE HAHNEMANN

"A Homeopatia ainda não é uma doutrina vitoriosa e talvez esteja longe disso, por culpa exclusiva de seus seguidores.

"A propagação e difusão da Homeopatia deve ser feita de modo ordenado com a orientação e apoio das diversas personalidades existentes em nosso país.

"Já foi dito, não faz mal repetir - e repetir muitas vezes - que a Homeopatia necessita de seus seguidores toda cooperação na propagação do método que conta com sua convicção e seu apoio. E isso porque se os adeptos da Escola Oficial não necessitam de propagar sua doutrina, ela é indispensável na doutrina homeopática, um método novo na arte de curar.

"É assim que temos de aproveitar as oportunidades de fazer a propaganda da Homeopatia com as comemorações de certas datas como por exemplo 10 de abril (nascimento de HAHNEMANN), 21 de novembro (DIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL)..."

Em São Paulo, mais precisamente no Largo do Arouche, no ano de 1962, o então presidente da Associação Paulista de Homeopatia Dr. David Castro inaugura um busto em homenagem à Hahnemann, e o local fica sendo um espaço preservado para as datas comemorativas na Homeopatia.

Após o falecimento do Dr. David Castro, em 1980 o espaço foi esquecido e durante 22 anos o monumento foi corroído pelo tempo e descaso dos homeopatas paulistas.

O Grupo de Estudos Homeopáticos Benoit Mure em parceria com a Farmácia Homeopática Bento Mure sensibilizados com o abandono da obra resolve, através do projeto "adote uma obra" da prefeitura de São Paulo restaurar e reinaugurar o monumento, projeto que foi realizado no dia 29 de julho de 2002, data de nascimento do Dr. Galvão. Os HOMEOPATAS paulistas tinham novamente um lugar para se reunirem em datas comemorativas. Mas segundo o provérbio popular: *o que é bom dura pouco*. E o descaso agora foi da prefeitura de São Paulo, que sem ter providenciado o policiamento da praça PERMITIU que o busto fosse roubado, e talvez o projeto de adoção de uma obra idealizado pela prefeitura desse certo se o slougan fosse: *adote um bom senso*.

Como ficamos: O estado de São Paulo não possui uma praça pública onde exista um busto em homenagem ao criador da Homeopatia.

\* escrito pelo Dr. David Castro

Ao terminarmos esta revista, não poderíamos deixar de lembrarmos de Rosângela Câmara e Dr. Decourt, falecidos recentemente e que contribuíram com o GEHSP "Benoit Mure".





# *Primavera*

Rosa que se abre sorrindo  
Cravo e gerânio no jardim se abrindo  
Hortências na serra florindo  
O inverno e o frio partindo  
Folhas e flores vêm vindo  
Trazendo um setembro lindo  
Enchendo de esperanças o mundo  
Propondo um meditar profundo  
Sobre o inverno triste da vida  
O outono que desfolha a flor  
O verão que aquece ainda  
A primavera que desabrocha em cor  
Setembro, sol, alegria, luz - amor!

*Nelcides Baracho dos Santos*





Medicamentos, Livros e Produtos Naturais e Integrais

2a. à 6a. das 8:00 h às 21:00 h

Sábados das 8:30 h às 14:00 h

R Olavo Egídio, 379 - Santana- São Paulo - SP

Telefax: 6977-9005 E-mail: [benoitmure@ig.com.br](mailto:benoitmure@ig.com.br)